

Por *Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa*

Neste número temático, trazemos artigos relacionados à presença da mídia na educação, tema que há tempos perpassa nossa revista. O grande número de contribuições que recebemos em resposta a nossa chamada, somado a sua qualidade, gerou uma árdua seleção. Isso nos levou a publicar um maior número de artigos do que usualmente apresentamos e, seguramente, outros serão publicados ao longo de próximas edições. Como resultado, na presente edição, apresentamos 18 artigos, que configuram um interessante leque de abordagens relacionadas ao tema proposto.

Iniciamos com dois artigos relacionados ao cinema. O primeiro, “O cinema como canal de entendimento do domínio da Capacidade Física” de *Carina Alexandra Rondini e Ana Luiza Mendonça dos Santos* reúne elementos que contribuem para a compreensão de pessoas de capacidade acima da média, muitas vezes vistas de forma deturpada e discriminatória, a partir de produções cinematográficas. O segundo, de *Mirna Juliana Santos Fonseca*, parte da questão “Cinema na escola para quê?” suscitada pela lei nº 13.006, de 2014, que constitui, como componente curricular complementar, como obrigatória a exibição de filmes de produção nacional, para uma reflexão com base histórica e teórica, sobre possíveis contribuições do cinema para a educação e o levantamento de novas questões a serem discutidas por autores, estudiosos do assunto e, sobretudo, junto a professores e às instâncias governamentais.

Em seguida, apresentamos dois artigos que abordam a presença dos games na Educação. *Simone Keller Fuchter, Trung Pham, Artur Perecin, Luiz Eduardo Ramos, Amanda Keller Fuchter e Mário Sergio Schlichting*, no artigo “O uso do game como ferramenta de educação e sensibilização sobre a reciclagem de lixo”, trazem sua experiência a partir de uma pesquisa realizada junto a 100 alunos, com faixa etária compreendida entre 6 e 12 anos. Eles apresentam a contribuição do jogo eletrônico para a difusão e sensibilização da reciclagem de lixo entre essas crianças, ressaltando que os games além de divertir podem contribuir para a educação. Também destacando o papel dos games para além do entretenimento, no artigo “Pensando com e sobre games”, de

*Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa*, são examinados diversos aspectos relacionados ao reconhecimento das estratégias usadas por meninos e meninas de extrato social de baixa renda, entre 11 e 14 anos, face aos desafios encontrados durante oficinas de games oferecidas por um grupo de pesquisa. A questão central da pesquisa é se essas estratégias observadas podem ser transpostas para outras situações, especialmente a da aprendizagem escolar.

Uma pesquisa cujo objetivo foi desenvolver, como exposto em seu título, “A leitura crítica midiática na Educação de Jovens e Adultos” é apresentada por *Gicele Weinheimer* e *Julio Cesar Bresolin Marinho*. A partir de um levantamento realizado pelos próprios alunos, de notícias disponibilizadas em sites da internet. Em um blog, foram postados os *links* das notícias selecionadas por eles, bem como os seus comentários a respeito delas, o que permitiu uma análise, sob a perspectiva ético-estética foucaultiana, do nível de persuasão dos discursos midiáticos.

Dois artigos tratam questões relacionadas à imagem. O artigo “Audiovisual e aprendizagens contemporâneas por jovens youtubers”, de *Lucineia Batista de Oliveira* e *Adriana Hoffmann Fernandes*, resulta de, como afirmam as autoras, “achados” de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi investigar sete jovens produtores de vídeos (youtubers) buscando entender suas relações e experiências com o audiovisual e as aprendizagens decorrentes desse processo: como e onde aprenderam a fazer vídeos, como se organizam, como se relacionam com o público, entre outras questões. O artigo seguinte trata, conforme anuncia em seu título, do “Modo de ler imagens em contextos de formação inicial de professores”. Suas autoras – *Guaracira Gouvêa*, *Lucia Pralon*, *Carmen Irene Correia Oliveira* e *Maria Auxiliadora Delgado Machado* – questionam quais os modos de ler, frente a diferentes imagens, dos estudantes de um curso de formação de professores/Pedagogia de uma IFES a partir de memórias de imagens e da leitura de imagens projetadas. A pesquisa realizada e as oficinas oferecidas aos estudantes são detalhadas pelas autoras que consideram que o debate sobre os modos de leitura imagética, além de contribuir para o reconhecimento do papel da imagem na constituição de textos contemporâneos, permite a circulação de outras imagens oportunizando outras vivências estéticas aos estudantes.

Em “A tecnologia não tem que ser maior do que o professor: visão dos professores quanto ao uso da tecnologia no contexto escolar”, *Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar*, *Joana*

*Peixoto e Rose Mary Almas de Carvalho* analisam as percepções de professores, à luz do materialismo histórico-dialético. Para tal, as autoras entrevistaram 76 professores de 23 escolas da rede pública do ensino básico de Goiás.

Sob diferentes enfoques, dois artigos referem-se à formação docente. No primeiro deles, “Tecnologias e formação para o trabalho docente na sociedade contemporânea”, *Crizieli Silveira Ostrovski e Tânia Regina Raitz* visam a compreensão do desempenho do professor a partir de um estudo em que apresentam elementos que podem contribuir para a discussão e a reflexão teórica sobre as relações entre sociedade, trabalho e educação. Para as autoras essa compreensão é importante para a formação de professores na perspectiva crítica destacando que o sujeito do conhecimento é interativo e participativo e que o papel da escola como fundamental para a inclusão digital e social. Por sua vez, *Gláucia Silva da Rosa e Luciana Backes* oferecem em “A monitoria e a educação digital: reflexões sobre a formação docente” um estudo exploratório dispondo-se a analisar atividades de monitoria realizadas no Programa de Aprendizagem (PA) Ensino e Aprendizagem no Mundo Digital, oferecido à distância, questionando de que forma as atividades de monitoria podem contribuir para a emancipação digital do pedagogo em formação. Ao longo do texto, as autoras apresentam excertos de entrevistas com diferentes monitoras. Ao final, destacam os aspectos das atividades de monitoria que foram considerados relevantes para a formação do pedagogo.

Ainda sobre formação inicial, mas a dos acadêmicos de medicina, *Gabriel Lincoln do Nascimento e Gabriela Eyng Possolli* apresentam “As contribuições do Facebook para a formação médica: estudo de caso dos cursos de medicina de Curitiba”. Os autores registram uma vasta gama de resultados da pesquisa, tendo como objetivo compreender a utilização do Facebook por acadêmicos e residentes de Medicina de 5 instituições presentes na cidade de Curitiba (PR). Ao final, são apresentadas possibilidades de trabalhos futuros do grupo de pesquisa que conduziu o estudo apresentado.

Um enfoque original da mídia-educação, o da Educação Física na sua interface com a Comunicação, é abordado por *Marcio Romeu Ribas de Oliveira e Lyana Virgínia Thédiga de Miranda* em seu artigo “Mídia-Educação (física) e metodologias participativas: a produção de imagens como possibilidade didático-pedagógica na Educação Física”, sob uma abordagem participativa. Eles propõem uma reflexão com base em oficinas de mídia-educação que envolveram a fotografia e o audiovisual. Conforme descrevem, essas

oficinas buscaram sensibilizar graduandos e professores de Educação Física para a relevância do diálogo da Educação Física e Comunicação, visando que assumissem o compromisso de uma intervenção sociocultural inserida no contexto da cultura digital.

No artigo seguinte, “Mídias musicais contemporâneas e juventude: consumo, permissividades e experimentações”, *Juliana Ribeiro de Vargas* e *Maria Luisa Merino Xavier* oferecem parte de uma investigação mais ampla realizada junto a um grupo de jovens alunas de uma escola, integrante da rede pública de ensino, de Porto Alegre (RS). As autoras têm como objetivo analisar e problematizar a operacionalidade de discursos, presentes em músicas acessadas por estas alunas por meio de seus celulares, na formação de suas subjetividades e nos seus modos de vivenciar a juventude. Para tal, foram levantados os arquivos musicais armazenados nos cartões de memórias dos celulares dessas alunas, sendo alguns deles problematizados em encontros com grupos de alunas.

Em “Espaços de cultura e consumo em eventos para a criança”, *Juliana Costa Muller* e *Monica Fantin* discutem, no contexto de uma pesquisa com/sobre crianças, dois eventos destinados ao público infantil da cidade de Florianópolis (SC). O diferente enfoque de cada evento, um voltado ao oferecimento de uma diversidade de produções cinematográficas de qualidade e o outro a incentivar formas de consumo de diversos produtos, permitiu, na perspectiva da mídia-educação, a identificação de possibilidades de mediação. Contrapondo os diferentes públicos e a ênfase dada à cultura e ao consumo, considerando que os eventos culturais infantis estão ganhando espaço de modo crescente e que as mídias convocam as crianças à diferentes modos de participação, as autoras ressaltam a relevância da mediação adulta.

Em sequência são apresentados dois artigos decorrentes de pesquisas de cunho quantitativo. Em “Prática mídia-educativa de análise de produtos e conteúdos midiáticos nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro”, *Marcus Tadeu Tavares*, *Rosalía Duarte* e *Carolina Jordão* discutem os resultados de uma pesquisa realizada, por meio de questionários online, junto a cerca de 900 escolas as municipais do Rio de Janeiro. Considerando a ocorrência da prática mídia-educativa nas referidas escolas, os autores ponderam que isso ocorre graças ao investimento na educação como política de Estado; ao entendimento de que crianças e jovens são cidadãos; e o comprometimento e envolvimento dos professores de sala de aula. Por sua vez, em “Fatores associados a

desigualdades regionais no desenvolvimento de habilidades de uso de computador e internet entre estudantes brasileiros de escolas públicas”, *Rita Peixoto Migliora*, a partir dos dados da pesquisa TIC Educação, do CETIC.br, Base Alunos, analisa fatores sociodemográficos e escolares do ano de 2012, ano médio da série histórica 2010-2015, associados a desigualdades no desenvolvimento de habilidades no uso de computador. De caráter nacional, os resultados da citada pesquisa são apresentados e discutidos por região.

Encerrando o presente número temos dois artigos que apresentam temas muito atuais. Em “Cidadania na era digital: um projeto-piloto de formação de crianças dos 3 aos 9 anos em contexto formal e informal de aprendizagem”, *Vitor Tomé* nos apresenta resultados iniciais do projeto-piloto ‘Educação para a Cidadania Digital e Participação Democrática’ (2015-2018), que tem por objetivo a educação de crianças em cidadania na era digital. Esse projeto, em realização na região de Odivelas (Portugal), considera um contexto ecológico de aprendizagem no qual estão envolvidos a escola, a família e a comunidade local. Após ser avaliado e aprimorado, o plano será progressivamente expandido até abranger todas as escolas da região, além de ficar disponível para ser replicado em outras regiões portuguesas e, também, em outros países. Em “Different Aspects of the Emerging OER Discipline”, *Martin Weller* examina as subculturas emergentes em termos de práticas da Educação Aberta (EA). São identificados 10 tipos de artigos de pesquisa que representam diferentes abordagens e questões para os grupos envolvidos. O autor ressalta que a interpretação mais recente da Educação Aberta (EA) abrange Recursos Educacionais Abertos (REA), Práticas Educacionais Abertas (PEA) e Publicação em Acesso Aberto. Traduzido por *Giselle M. S. Ferreira*, o artigo de Martin Weller, está publicado nessa mesma edição como “Aspectos dos Recursos Educacionais Abertos como área emergente”.

Nosso próximo número foi organizado segundo diferentes temáticas e já está fechado. Esperamos contribuições para a edição de maio do próximo ano, cujas submissões se encerram no próximo dia 30 de novembro.

Aproveitamos para informar aos nossos colaboradores que as regras de submissão estão sendo refeitas e, a partir do dia 30 de outubro, só serão aceitas contribuições no novo formato.

Boa leitura!